

Leandro Gomes de Barros

A VIDA DE CANÇÃO DE FO-  
GO E O SEU TESTAMENTO  
(CONCLUSÃO)

**E** seguiram para o Rio  
como Cancão calculou,  
depois de oito a dez dias  
a precatória chegou,  
nem noticia de Cancão  
a autoridade achou.

Todos dois estava em Crato  
Cancão disse ao companheiro:  
—saimos de madrugada,  
não se passa em Juazeiro,  
e vamos diretamente  
daqui p'ro Rio de Janeiro.

Passaram por Pernambuco  
entraram pela Baía,  
dez, doze, quatorze leguas  
tiravam eles por dia,  
vendo a hora e o instante  
que uma onça os comia.

Já no Estado do Rio  
um dia deram uma errada,  
dormiram numa fazenda  
sairam de madrugada,  
deixaram o caminho certo  
seguiram por outra estrada.

E andaram todo o dia  
não viram uma sò morada,  
tinham saido do rancho  
a uma da madrugada,  
agua achavam que bebiam  
porem o que comer nada.

A noite fizeram fogo  
um velava outro dormia,  
a onça rosnava perto  
Cancão de Fôgo dizia:  
—se está com frio tem fôgo  
se está sò tem companhia.

As seis horas da manhã  
se levantaram e seguiram,  
eram três horas da tarde  
quando uma casa eles viram,  
cheiro d'uma feijoada  
chegando perto sentiram.

Era um lugar esquisito  
sòmente uma casa havia,  
uma crioula acolà  
com quatro filhos vivia,  
dali até doze leguas  
não tinha uma moradia.

A crioula cozinhava  
era fora no oitão,  
eles viram uma panela  
que cozinhava feijão,  
a crioula pilava milho  
estava cozinhando um «pão»

Cancão de Fôgo chegou  
cumprimentou-a contente,  
a negra cravou-lhe os olhos  
que parecia serpente,  
o Cancão disse consigo:  
eu pensava diferente.

O Cancão de Fôgo disse:  
— não podemos mais andar,  
vossa excelencia me arranja  
o que se possa jantar?  
temos dinheiro e pagamos  
o que a senhora cobrar.

A negra olhou-o e disse:  
— já por ali vagabundo,  
gente branca para mim  
é a pior deste mundo,  
vocês podem se danar  
morrer com o olho fundo.

A negra chamou um filho  
disse: — João, venha cá,  
vã na baixa do capim  
e mude a cabra por lá  
e volte com muita pressa  
preciso de você já.

Disse a Cancão e ao outro  
— vocês vão logo saindo,  
tem aqui um filho meu  
que mata gente sorrindo,  
eles saíram voltando  
por onde já tinham vindo.



O Cancão de Fogo disse:  
—nòs havemos de voltar,  
para não darmos motivo  
a negra desconfiar,  
se ela vir por onde vamos  
é facil de nos achar.

Disse Cancão a Alfredo:  
—para poder conseguir,  
roubar aquela panela  
è preciso você ir  
se esconder perto da casa  
até a negra sair.

—Eu pego aquele moleque  
e vou com ele a madeira,  
a negra há de vir a mim  
e você não faça asneira  
pegue a panela ligeiro  
e saia em grande carreira.

Antes da negra chegar  
a minha carreira é feia,  
procure a estrada enfrente  
me espere com legua e meia  
e procure logo um mato  
aonde se bote a ceia

Cancão pegou o muleque  
deitou-lhe o cipó no lombo,  
a negra partiu danada  
com um bacamarte no ombro  
Cancão soltou o muleque  
disse: —com chumbo não sombo

A negra ainda atirou-lhe  
mas o tiro não pegou,  
a negra uivava de raiva  
e de que forma ficou,  
depois que chegou em casa  
e a panela não achou.

O Cancão chegou adiante  
voltou por dentro do mato,  
dizendo com seus botões:  
--quem morre de fome é pato  
quem trabalha Deus ajuda  
o pão é muito barato.

Cancão de Fogo saiu  
correndo sem dizer nada  
ia por dentro do mato  
beirando sempre a estrada,  
aonde encontrou Alfredo  
já estava a ceia botada.

Era feijão mulatinho  
com ossada de carneiro,  
Cancão quando acabou disse:  
---já vi hotel barateiro,  
enche-se bem a barriga  
e não se gasta dinheiro.

Os programas de Cancão  
tinha o que se apreciar,  
porque o Cancão dizia:  
---nada faz me admirar,  
aquele que sorrir hoje  
amanhã pode chorar.

—Bém só pode está o sol  
porque ninguem o alcança,  
haja no mundo o que houver  
o sol là nem se balança  
enquanto a fortuna dorme  
a desgraça não descança.

—Pai e mãe è muito bom  
barriga cheia è melhor,  
a molestia è muito ruim  
porem a morte é pior,  
o poder de Deus é grande  
porem o mato é maior.

Disse Cancão ao Alfredo:  
—assim se deve furtar,  
não é crime e nem pecado  
eu falei para comprar,  
a negra não quiz vender  
deu-me direito a roubar.

Afinal chegaram ao Rio  
quando estavam hospedados,  
estavam na mesa almoçando  
chegaram cinco soldados,  
um oficial de justiça  
e dois sub-delegados.

—Quem è o Cancão de Fôgo?  
um d'aqueles perguntou:  
—sou eu, respondeu Cancão:  
---as suas ordens estou:  
---pois está preso, disse um  
o Cancão não se alterou.



O oficial de justiça  
leu claramente o mandado,  
então o Cancão de Fôgo  
disse ao sub-delegado:  
---dê-me licença almoçar  
que lhe ficarei obrigado.

Toda gente do hotel  
prestava bem atenção,  
tudo pairou o talher  
olhando para Cancão,  
até as autoridades  
causaram admiração.

Quando acabou de almoçar  
pediu a conta e pagou,  
tirou um conto de rês  
ao companheiro entregou,  
disse aos sub-delegados:  
agora querendo eu vou.

Então disse ao companheiro  
você faça o que puder,  
e veja se pode ir  
no lugar onde eu estiver,  
e de mais até o dia  
que o governo quizer.

Foi Cancão a chefatura  
para ser interrogado,  
disse o chefe de policia:  
o senhor è viciado,  
como foi no Ceará  
o roubo do delegado!?

O Cancão de Fogo disse:  
---eu là não roubei ninguém,  
fui a um mandado dele  
ele não deu-me um vintem,  
eu fiquei com a bengala  
me diga se não fiz bem.

---E quedê os cem mil réis  
là do sub-delegado?  
---vossa excellencia crer nisso?  
isso é plano formado,  
quem é que dá cem mil réis  
a quem está denunciado?!?

---E a roupa do alfêres  
que vossa mercê roubou?  
---foi para me defender  
foi isso que me salvou,  
ele p'ra que me prendeu  
quando ninguém o mandou.

Disse o chefe de policia:  
---o levem para a marinha,  
o Cancão de Fogo disse:  
---essa vontade eu já tinha,  
a desgraça ia em viagem  
quando a fortuna já vinha.

Mas um medico da marinha  
estava nessa ocasião,  
o recusou por doente  
da laringe e do pulmão,  
achou ser uma injustiça  
não se proteger Cancão.



As quatro horas da tarde  
Cancão de Fôgo voltou,  
dizendo: —bendito seja  
a quem me denunciou,  
há males que vem por bem  
como este agora chegou.

---

## O TESTAMENTO DE CAN- C Ã O D E F Ô G O

Nesta história o leitor viu  
quem era Cancão de Fôgo,  
era aquele que dizia:  
--a vida è mesmo que um jôgo,  
p'ra morrer não falta tempo  
p'ra dar não precisa rôgo.

Roubar de quem tem demais  
è forma de caridade,  
tirar dez de quem tem vinte  
està na regularidade,  
quem não precisa de tudo  
basta ficar com a metade.

Foi o que Cancão de Fôgo  
disse na hora da morte,  
a fortuna tem o peso  
que tem a tirana sorte,  
e desgraça quando vem  
não respeita quem è forte.

Quando ele viu que morria  
chamou a mulher p'ra junto,  
e disse: minha mulher  
não precisa chorar muito,  
não há tempo mais perdido  
do que chorar por defunto.

Disse um filho: vou chamar  
com pressa um facultativo,  
ali tem um médico bom  
inteligente e ativo,  
disse Cancão: é asneira  
dar remedio a quem está vivo.

Agora depois de morto  
vocês o mande chamar,  
pergunte quanto ele quer  
para me ressuscitar,  
e diga logo: eu só pago  
se meu pai se levantar.

---Isso não, disse-lhe o filho  
morrendo ai se liquida,  
disse-lhe Cancão: meu filho  
isso é coisa conhecida,  
o que espulsa a morte  
não faz com que volte a vida.

A pessoa que tomar  
remédio p'ra não morrer,  
è como quem salga carne  
depois d'ela apodrecer,  
è rezar para São Bento  
depois da cobra morder.

Chegou um frade e lhe disse:  
---venho ajudá-lo a morrer,  
disse o Cancão de Fôgo:  
---tenho que lhe agradecer,  
deite-se ai para um canto  
cuide logo em se torcer.

---Torcer como, disse o frade,  
disse Cancão: ---meu amigo,  
o senhor não vem morrer  
para ir junto comigo?  
o frade respondeu: ---vôtes  
um burro è quem vai contigo.

Disse-lhe o Cancão de Fôgo:  
se eu não tivesse prostado  
você tinha que sair  
cortez e civilizado,  
sò entraria em casa  
depois que fosse chamado.

---Meu irmão, disse-lhe o frade  
eu vim aqui exortà-lo,  
o inferno está aberto  
o diabo a esperá-lo,  
as chamas do purgatório  
estão prontas p'ra queimá-lo.

Disse-lhe o Cancão de Fôgo:  
---frade, quero que me dê,  
explicação do inferno  
lhe peço como mercê,  
no inferno inda haverá  
outro diabo como você?



Eu não mandei-o chamar  
nós não temos amizade,  
eu nunca quiz relações  
com cigano nem com padre,  
apenas tenho a dizer-lhe  
dane-se por caridade.

Agora quero que chame  
o juiz e o escrivão,  
os bens que ainda me restam  
vou fazer adoação,  
vou fazer publicamente  
minha recomendação.

Entrou em casa o juiz  
junto com escrivão,  
foram logo para o quarto  
aonde estava Caneão,  
o juiz disse: aqui estou  
a sua disposição.

Disse o juiz: —o senhor  
tem uns bens para deixar?  
—sim senhor, disse Caneão:  
—eu não os posso levar,  
se alguém quizer ir comigo  
tem um bom frete a ganhar.

Disse o escrivão: ---não brinque  
repare que a morte é crua:!  
---pode até ser cozinhada  
pode vir vestida ou nua,  
eu brinco cá com a minha  
você là respeite a sua.

O juiz lhe perguntou:

---você não tem dois sobrados?  
quer deixá-los p'ra alguém?  
disse Cancão: estão vexados?  
ou vocês são dois gatunos  
ou são meus filhos bastardos.

Disse o juiz: ---ora essa  
entende-se essa charada,  
gente em casa me esperando  
e o senhor dando massada  
eu fazendo falta lá  
devido a sua embrulhada.

Disse Cancão: ---meu amigo  
você assim não vai bem,  
vexames fazem fadigas  
das quais não escapa alguém  
padre, juiz, escrivão  
não fazem falta a ninguém.

Puxou um papel lacrado  
de dentro do travesseiro,  
entregou-o ao juiz  
e disse: ---leia-o primeiro,  
veja quem eu constituí  
como meu testamenteiro.

Sessenta contos de réis  
que tenho depositados,  
no banco nacional  
três casas e dois sobrados,  
estão fora do testamento  
serão inventariados.

Ao doutor João de Cerqueira  
escrivão dos testamentos,  
deixo em Belo Horizonte  
na Praça dos Sacramentos,  
a casa número 100  
com todos compartimentos.

Ao doutor Alves de Lira  
eu deixei-lhe em Canta Galo,  
a casa número 6  
na rua de São Gonçalo,  
e o sitio dos Ausentes  
na capital de São Paulo.

Disse o juiz: ---oh! senhor  
é muita dignidade,  
o senhor dar tanta coisa  
por sua livre vontade,  
a mim e ao escrivão  
isso é ter muita bondade.

---Não doutor, disse o Cancão:  
meus filhos ficam aí,  
podem precisarem um dia  
os senhores são daqui,  
disse o juiz: precisando  
jà sabem eu moro ali.

Sairam n'uma palestra  
o juiz e o escrivão,  
dizendo um ao outro:  
foi sublime aquela ação,  
sò nós dois nos livraremos  
de um calote de Cancão.



Morreu o Cancão de Fôgo  
a mulher participou,  
poucos minutos depois  
o juiz se apresentou,  
daí a uns dez minutos  
o tabelião chegou.

Disse o juiz a mulher:  
seu marido já morreu,  
com relação ao enterro  
deixe que quem faz sou eu,  
eu não quero que dependa  
um tostão do que é seu.

E passou-lhe um documento  
como era gratuite  
mandou fazer catacumba  
foi quem fez todo convite,  
disse a mulher de Cancão:  
com a senhora estou quite.

Depois de quarenta dias  
que Cancão tinha morrido,  
procedeu-se o inventário  
foi tudo bem dividido,  
filhos e mulher de Cancão  
cada qual foi bem servido.

O juiz depois pensou  
que havia precisão  
de exigir escritura  
da família de Cancão,  
chegando lá encontrou  
quem dêsse difinição.

Mas depois disse consigo:  
— eu tenho provas legais,  
provo com o testamento  
não preciso nada mais,  
tratou de tomar o trem  
partiu p'ra Minas Gerais.

Saltou em Belo Horizonte  
foi ao hotel almoçou,  
indagou aonde era  
uma pessoa ensinou,  
a rua até era perto  
n'um instante ele chegou.

Quando o doutor viu o prédio  
sorriu ali de contente,  
examinou-o por fôra  
achou-o muito excelente  
tinha cem palmos de fundo  
e setenta e dois de frente.

Então batendo na porta  
com pouco um homem chegou:  
— que deseja cavalheiro?  
o homem lhe perguntou:  
— sou o dono deste prédio  
o homem aí o fitou.

— De qual predio meu senhor!  
— deste aqui que você mora:  
— isso è conto de vigario  
è cêdo inda não é hora,  
aí bateu o postigo  
nem falou mais foi embora.

O doutor João de Cerqueira disse: — momentos danados, ficcu pocco de tudo porem minutos passados, foi ao cartório e mandou dar busca nos registrados.

Foi ao cartório e bateu saiu o tabelião, o doutor disse: — me consta que o colega é escrivão, e eu venho em seu cartório decidir uma questão.

E puxou ali do bolso os papéis do testamento, e disse: — o colega veja se acha este apontamento, veja se não é legal todo este meu documento.

Encontraram a escritura da casa já referida, vendida pelo doutor Felix Teixeira Guarida, comprada por uma orfã da viuva Margarida.

— Colega como foi isso ? perguntou o tabelião, — foi um conto de vigário passado por um ladrão, disse o tabelião: ---esse è igualmente a Cancão.



Pois foi esse tal CANÇÃO  
que mora no Rio de Janeiro,  
disse o tabelião:  
esse é um grande estradeiro,  
quando ele era pequeno  
roubou esse mundo inteiro.

Aqui mesmo de uma vez  
uma noite de São João,  
um ladrão foi roubar ele  
ele roubou o ladrão,  
e o gatuno por isso  
acabou-se na prisão.

O ladrão tinha dois contos  
que de alguém tinha roubado,  
e julgando que Cancão  
fosse um vendelhão de gado,  
foi ver se passava um quengo  
mais foi quem saiu quengado.

Disse o gatuno a Cancão:  
patrão eu tenho dinheiro,  
e desejava fazer sérias  
transações com o cavalheiro,  
disse Cancão: é preciso  
que eu examine primeiro.

O ladrão quando ouviu isso  
ficou bastante assombrado.  
o Cancão de Fôgo disse:  
--ladrão, eu sou delegado,  
desde as 3 horas da tarde  
que tinha sido avisado.

O dr. correu e disse:  
tambem garanto a senhora,  
se Deus bota-lo no céu  
pode'esperar pela hora,  
de uma das quengadas dele  
que bota até Deus p'ra fora.

Porque eu nunca encontrei  
ladrão fino como aquele,  
desgraçado do defunto  
que sepultar-se com ele  
eu acho Cancão capaz  
de roubar os ossos dele.

E a senhora tambem  
desculpe a minha ousadia,  
vossa mercê herdou dele  
costume e categoria,  
pois a mulher do filósofo  
aprende a filosofia.

A mulher disse: —doutor  
meu marido não roubava,  
mas com algum escrivão  
que ele se comunicava,  
sendo um pouco inteligente  
muitas coisas decorava,

Ele chamou os senhores  
quando estava aqui prostado,  
porque queria imitar  
o Cristo crucificado,  
queria morrer tambem  
com um ladrão de cada lado.

O doutor sabe que as pessoas estando perto de morrer, as vezes sentem remorsos e teme de se perder, dizem que no outro mundo as pessoas hão de sofrer.

O doutor não viu o frade vir tambem por sua vez? e não viram meu marido que barulho logo fez? disse: eu chamei dois ladrões não é preciso de três.

Aí lhe disse, o escrivão:  
—dê licença, eu vou embora, sou obrigado a dizer que tenho medo da senhora, eu acho vossa excellencia capaz de vender-me agora.

—Até logo senhor doutor disse a mulher de Cancão:  
—aqui fico as suas ordens se acaso houver precisão, tem uma criada aqui a sua disposição.

—Dana-te cachorra doida! disse o escrivão correndo:  
—o diabo é quem vem mais cá ainda estando morrendo, o quengo de teu marido parece que em ti estou vendo Fim





## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).